

CONSCIÊNCIA NEGRA: “PAPO CRESPO”

Black Awareness: “Curly Chat”

Eder Aparecido de Carvalho, carvalhoeder@hotmail.com¹

Alexandre da Silva de Paula, aledpaula@outlook.com²

Carlos Roberto Waidemam, carlimwaidemam@hotmail.com³

Resumo: O presente artigo decorre de um projeto de extensão denominado “Semana da Consciência Negra no IFSP - Câmpus Votuporanga: Papo Crespo”. Este projeto foi iniciado no ano de 2014. A proposta visava promover a luta contra o preconceito e a busca pelo respeito às diferenças. Em 2015, as ações iniciadas no ano anterior tiveram sequência com a realização de quatro oficinas, a saber: “Se Enrola na Dica”, que ofereceu receitas caseiras para cuidar dos cabelos crespos; “Turbantes”, que tratou de diversas amarrações, para cabelos, feitas com tecidos; “Roda de Conversa: Papo Crespo”, que debateu temas pertinentes à cultura afro-brasileira e, por fim, “Roda de Capoeira” que exibiu símbolos da cultura afro-brasileira. Este evento discutiu os padrões de beleza da sociedade, valorizando a expressão cultural do afrodescendente, proporcionando um saber consciente, crítico e humanizador aos alunos da instituição.

Palavras-chave: Identidade Afro-Brasileira. Diversidade Cultural. Consciência Negra.

Abstract: *The present paper is about the outreach project “Black Awareness Week in IFSP (Instituto Federal de São Paulo) - Votuporanga Campus: Curly Chat”. The project has been conducted since 2014 and aims to promote a battle against racial prejudice. Thus, it promotes respect for the human differences in the school context. In 2015 (continuing the actions developed in 2014) there were four workshops: “Wrap yourself on the tip”, about homemade recipes for hair care; “Turbans” which dealt with several moorings made with fabrics; “Circle chat: Curly Chat” that discussed the african-brazilian culture and “Capoeira” who also performed a symbol of african-brazilian culture. The event discussed the standards of beauty in the current society, valuing the afro descendant citizen cultural expression, providing to the institution students a conscious, critical and humanizing knowledge.*

Keywords: *African-Brazilian Identity. Cultural Diversity. Black Awareness.*

1 Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – FCL/Campus de Araraquara, Assistente Social, Instituto Federal de São Paulo, Campus Votuporanga. Também é professor da Faculdade Futura (ICETEC).

2 Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo – FFCLRP, Psicólogo, Instituto Federal de São Paulo, Campus Votuporanga. Também é professor do Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV).

3 Especialista em Metodologia para anos iniciais: Oficinas Pedagógicas, Técnico em Assuntos Educacionais(TAE), Instituto Federal de São Paulo, Campus Votuporanga.

INTRODUÇÃO

O termo “consciência” é, de longa data, um objeto de indagação e reflexão sistemática empregado por diferentes pensadores. O ser humano busca, através de sua consciência, criar instrumentos, conhecer e explorar a natureza. Para além dos pressupostos filosóficos e psicológicos associados ao termo “consciência”, é prudente a ênfase na seguinte problemática: qual o sentido da expressão “Consciência Negra” num país com passado escravista como o Brasil? Ao voltarmos no tempo, num contexto mundial, durante a década dos anos mil novecentos e sessenta e anos mil novecentos e setenta, a “Consciência Negra” tinha um sentido associado ao movimento de resistência articulado nas periferias dos EUA. Conhecido como Black Power, esse movimento teve vários desdobramentos e conquistas, com destaque para os direitos civis de negros que viviam num regime de segregação. Portanto, um primeiro sentido que assinalamos na expressão “Consciência Negra” tem relação com a luta racional e organizada de um povo oprimido, há séculos, devido à cor da pele. A “Consciência Negra” surge, nesse momento histórico, como enfrentamento político em meio à segregação, falta de oportunidades e graves assimetrias em termos de direitos e deveres.

Trazendo o debate para a realidade brasileira, é notório que os mecanismos de controle e alienação contribuíram para a hegemonia de um discurso sobre as relações raciais, de gênero e poder, de tal forma que prevalece o mito de uma democracia racial no Brasil. “As consequências de tudo isso são as desigualdades que se caracterizam

como violação dos direitos humanos, principalmente o direito de ser, ao mesmo tempo, igual e diferente” (MUNANGA, 2014, p.35). O preconceito e o racismo, no Brasil, estão enraizados não de forma sutil e camuflada nas instituições sociais, mas sim, de forma objetiva e visível na vida de negros, principalmente das mulheres. Há um agravante, pois “a ideologia da democracia racial, que celebrou a nossa mestiçagem, não teve como plataforma política restaurar ou promover uma igualdade racial no sistema escolar – nem no primário, o que dirá no superior” (CARVALHO, 2006, p. 99).

Contudo, não se trata de buscar justificativas ou explicações que pouco contribuem para as mudanças necessárias, em termos da inclusão social, educação para o trabalho e empoderamento dos negros brasileiros. Nesta direção, cabe destacar algumas evidências na formação escolar da população negra, a qual apresenta índices preocupantes. Por exemplo, a proporção entre cientistas brancos e negros brasileiros indica um abismo. Nas melhores Universidades e Centros de Pesquisa a ausência de alunos, professores ou pesquisadores negros é notória. Trata-se de uma grave lacuna a ser preenchida, pois a inclusão social depende do conhecimento formal e escolar de excelência. E, de fato, por mais ações e iniciativas que possam ser observadas no âmbito das políticas afirmativas, é necessário que o próprio movimento negro tenha como meta o êxito escolar dos jovens negros, desde a formação básica, até os estudos avançados nos programas de mestrado e doutorado.

A discriminação racial se manifesta não apenas nos regimes ditatoriais e de extrema direita, mas também nas

democracias consolidadas. Os negros têm (quando não esquecidos plenamente) menos oportunidades de êxito no mercado de trabalho qualificado, refletindo situações de subalternidade extrema. Importante ilustrar que as questões raciais não estão relacionadas apenas com o período da escravidão. Hoje, longe da chamada democracia racial, há uma cultura racista impregnada na sociedade. Ou seja, há uma marginalização vivida pelos descendentes da escravidão que não deve ser colocada em segundo plano. Esse tema foi abordado por autores como Cardoso (1997) e Fernandes (1978). Esses sociólogos afirmam que, no decorrer do processo de abolição da escravidão, ou seja, no período em que os ex-escravos foram incorporados à sociedade, não houve uma estratégia pública para superar as dificuldades enfrentadas por essa população. A socialização do negro no Brasil ocorreu de maneira muito precária, o que refletiu na situação de injustiça social. E, de fato, esse processo degradante atingiu tanto os antigos escravos, como os atuais descendentes. Oportuno trazer à tona que a luta contra o racismo, desde o final do século XIX, continua latente. Mesmo que mascarada por demagogias preconceituosas, a intolerância racial orientada pela cor da pele perdura na conjuntura atual do país. Trazendo a discussão para a identidade do negro em relação à estética, ao corpo e aos cabelos Gomes (2002, p. 50) afirma que:

O estudo sobre o corpo e o cabelo, como ícones da identidade negra presentes nos processos educativos escolares e não escolares, poderá apontar-nos outros caminhos além da denúncia da reprodução de preconceitos e estereótipos.

Sendo assim, as instituições públicas de ensino não devem se esquivar do embate contra o racismo e a desigualdade social. Além disso, tais desigualdades são reflexos de uma ideologia que muitas instituições de ensino reproduzem, tal como propõem Freitag (1980, p. 33):

[...] a escola preenche a função básica de reprodução das relações materiais e sociais de produção. Ela assegura que se reproduza a força de trabalho, transmitindo as qualificações e o *savoirfaire* necessários para o mundo do trabalho: e faz com que ao mesmo tempo os indivíduos se sujeitem à estrutura de classes. Para isso lhes inculca, simultaneamente, as formas de justificação, legitimação e disfarce das diferenças e do conflito de classes. Atua, assim, também ao nível e através da ideologia.

A educação escolar não pode se restringir à escrita formal e acadêmica. É necessário proporcionar uma educação humanizada, que respeite as singularidades de cada aluno, uma vez que práticas dadas como pedagógicas, muitas vezes, silenciam a realidade e a história das minorias oprimidas. Produções sociais e culturais (invenções humanas) corroboram e disseminam atitudes preconceituosas e desiguais no tratamento com o outro. Não há como manter o silêncio perante esse processo perverso e penoso para a convivência em sociedade. É consenso que nenhum indivíduo nasce branco, nenhum indivíduo nasce negro. Os sujeitos aprendem a ser brancos ou negros a partir daquilo que é (ou não) dito. Ou seja, a identidade racial é uma construção social que depende dos papéis assumidos ao longo da vida. Esses papéis são, efetivamente, influenciados por fatores externos e internos, para além dos determinantes biológicos. Infelizmente,

essa construção social e cultural se pauta na cosmovisão do indivíduo branco e europeu, representado como arquétipo da normalidade, da beleza estética e da civilidade. É notório que “não se discute o que é ser branco em uma sociedade racista. Não se discute a identidade branca, se discute a identidade negra (...) porque parte-se do princípio que ser branco é a norma instituída” (FORDE, 2014).

É essencial que o trabalho docente e institucional seja capaz de abarcar esses problemas na trama pedagógica e curricular, do contrário, a cosmovisão racista e eurocêntrica permanecerá no contexto escolar. Trata-se de uma ideologia que é violenta, agride e causa sofrimento. É necessário um processo de reeducação do olhar e das práticas educacionais, a fim de romper com os estereótipos sobre o aluno negro, sobre suas histórias, suas culturas e experiências (FORDE, 2014).

MÉTODOS

O evento “II Semana da Consciência Negra no IFSP - Câmpus Votuporanga: Papo Crespo” – realizado na última semana de novembro de 2015 (em continuidade às ações desenvolvidas anteriormente, no ano de 2014), estimulou a comunidade escolar a debater sobre a condição histórica afro-brasileira, nos aspectos que envolvem tolerância, respeito, alteridade e cidadania. A proposta norteou reflexões importantes para os discentes, servidores e comunidade externa. Esse evento buscou promover a luta contra o preconceito e o respeito às diferenças.

A oficina “Se Enrola na Dica” ensinou receitas caseiras para cuidar dos cabelos crespos. Independente da etnia o que deve prevalecer é a liberdade capilar – não há cabelo “bom” ou “ruim”. Do contrário, observa-se a inclusão de uma carga de



Ilustração 1: Oficina “Turbantes”
Fonte: Arq. do Projeto de Extensão “Papo Crespo”

racismo e preconceito na definição do que é o cabelo ideal.

A Oficina “Turbantes” ensinou diversas amarrações feitas com tecidos, buscando valorizar especialmente o cabelo crespo. Esta ação com os alunos, além de enfatizar a beleza feminina, buscou dar visibilidade à estética da raça negra. Trata-se de uma abordagem que promove a autoestima e a cidadania, uma vez que os acessórios empregados remetem à história e valores da cultura negra.

A “Roda de Conversa Papo Crespo” debateu sobre a cultura afro-brasileira e refletiu sobre a ditadura do cabelo liso – consequentemente, reiterou que os cabelos podem ser crespos ou lisos (cacheado, ondulado, etc.), mas não “bons” ou “ruins”.

A “Roda de Capoeira” apresentou um dos símbolos da cultura afro-brasileira, que valoriza uma educação libertadora e

consciente. Durante a apresentação foram discutidos elementos históricos dessa manifestação cultural de matriz africana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A “II Semana da Consciência Negra no IFSP - Câmpus Votuporanga: Papo Crespo” foi um evento que discutiu os padrões de beleza da sociedade, valorizando a expressão cultural do afrodescendente, proporcionando um saber consciente, crítico e humanizador. Sobretudo, as ações estiveram pautadas no respeito à diversidade, tendo início pelo respeito ao “tipo” de cabelo do ser humano: crespo, cacheado, liso ou ondulado. Como apontado anteriormente, cabelo “bom” ou “ruim” são expressões que denunciam o preconceito, muitas vezes silenciado. Diante de tais ações, ressaltamos que o sentido



Ilustração 2: Oficina “Roda de Conversa”
Fonte: Arq. do Projeto de Extensão “Papo Crespo”

da expressão “Consciência Negra” em uma instituição de ensino como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo deve, necessariamente, subsidiar um olhar crítico dos docentes e discentes sobre discrepâncias que precisam ser equacionadas com práticas pedagógicas inclusivas e emancipatórias.

A pesquisa conduzida por Gomes (2002) sobre a relação do negro com o corpo e o cabelo indicou que:

[...] a africanidade presente ou escondida na manipulação do cabelo do negro e da negra da atualidade, e nos penteados por eles realizados, constitui uma das preocupações primordiais para a definição da força histórica e cultural desse segmento étnico/racial. Esses são aspectos a serem considerados pela educação escolar (p. 50).

Nesta dimensão, é possível afirmar que a “II Semana da Consciência Negra no IFSP - Câmpus Votuporanga: Papo Crespo” atingiu seus objetivos e, sobretudo, procurou contribuir para transformação da realidade social em curso. O projeto efetivamente desempenhou a função social de educar para inclusão. São essas práticas que propiciam a devolução - mesmo que lentamente - da dignidade que vem sendo cruelmente omitida desde o período escravocrata no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão “Semana da Consciência Negra no IFSP - Câmpus Votuporanga: Papo Crespo” objetivou promover a luta contra o preconceito e busca pelo respeito às diferenças. Isso porque o preconceito e o racismo estão enraizados não de forma sutil e camuflada, mas sim de forma objetiva e visível no

cotidiano dos espaços públicos. E, mesmo que a intolerância racial esteja mascarada por demagogias preconceituosas, as instituições públicas de ensino não devem se esquivar desse embate contra o racismo e a desigualdade social.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, F. H. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

CARVALHO, J. J. O Confinamento Racial do Mundo Acadêmico Brasileiro. *Revista USP*, São Paulo v. 68, p. 88-103, 2006.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

FORDE, G. H. A. *Inclusão e Diversidade Cultural na Educação Profissional e Tecnológica* [Videoaula]. In: Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Espírito Santo, IFES, 2014.

FREITAG, B. *Escola, estado e sociedade*. S.P.: Moraes, 1980.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 40-51, 2002.

MUNANGA, K. A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, v. 4, p. 34-45, 2014.